

Evidenciando o inconsciente: a formação ideológica por trás da desvalorização regional no Amazonas

Ana Caroline dos Santos Rocha
Universidade Federal do Amazonas

Resumo

A meta foi revelar, principalmente por meio das teorias de Jacques Lacan e Michell Pechêux, sobre as ações do inconsciente e as formações ideológicas, o intradiscurso, interdiscurso e a memória discursiva, respectivamente, que geraram e ainda tecem a construção desses discursos.

Palavras-chave: Teorias de Lacan e Pechêux; Ideologia; Discurso.

Abstract

The objective was to show, with apports of Lacan and Pechêux theories, about the mental actions and ideological formations, the discourse and discursive memory, that criated and still make born the constructions of discourses.

Keywords: Lacab and Pechêux theories; Ideology, Discourse.

Introdução

Existem duas formas de discursos utilizados para se referir à região norte e às etnias que compõem os traços da maior parte da população que a habita: a primeira forma é a da exclusão, o apagamento de sua existência por parte a mídia ou de qualquer meio de comunicação que se possa utilizar para abordar esse tópico; a segunda forma é a desvalorização da cultura regional em detrimento da supervalorização da cultura estrangeira, entretanto, não se trata de qualquer tipo cultural, valorizam-se os costumes daquelas que compõem o que chamamos de primeiro mundo, como os Estados Unidos e a Europa.

A existência e propagação desses tipos de discurso segue uma formação ideológica de um contexto histórico que data desde o momento da colonização europeia, historicamente conhecida como o descobrimento do Brasil que se deu a partir de 1500, acontece que as modificações que ocorreriam a partir desse marco histórico não mudariam somente as estruturas físicas, políticas e sociais que resultariam no país que temos atualmente, mas perpetuariam heranças comportamentais e psicológicas que moldam nossos pensamentos e discursos. Segundo as teorias elaboradas por Michell Pechêux e organizadas por Sonia Santos na publicação *Estudos dos discursos: perspectivas teóricas* (2013), o discurso é um mediador

que se faz presente entre a linguagem e a ideologia, na qual, a linguagem se dá no plano da enunciação e o materialismo histórico, que seriam as transformações que se dão no contexto histórico-social no plano das ideologias, temos também na mesma publicação as teoria de Jacques Lacan inspiradas pelos estudos de Freud e organizadas por Bethania Mariani e Belmira Magalhães sobre o funcionamento do inconsciente que se faz presente também no momento da linguagem.

Evidenciando certas situações históricas e discursos atuais que exprimem a desvalorização e o preconceito referente, especificamente, a região Norte, temos como finalidade inserir e demonstrar como se dá a presença da teoria de Lacan sobre o inconsciente, bem como as teorias de Pechêux sobre interdiscurso ou memória discursiva e intradiscorso que irão tratar do sujeito ideológico que ainda sofre imposição dos ideais dos colonizadores, na enunciação.

Um pouco da origem do discurso

Antes que se foque nas teorias, é necessário que se tenha uma ideia de qual foi a origem desse discurso de desvalorização da cultura indígena que perpassa por todo o Brasil e que se instalou na consciência da população brasileira tão naturalmente que nem sequer se pensa sobre as imposições, as culturas subjugadas e os povos exterminados por trás desse processo.

A data oficial, como se sabe, para o descobrimento do Brasil se dá em 1.500 com a chegada da caravela de Pedro Alvares Cabral, porém, a primeira expedição a explorar a região Amazônica foi entre 1539 e 1541 pelo Espanhol Francisco de Orellana. As etapas de dominação não diferem muito do que ocorreu no restante do país, houveram os processos de reconhecimento, exploração e posses de terras, além da catequização, com a chegada dos bandeirantes e jesuítas, dominação, extermínio e escravidão dos índios, entretanto, é interessante se observar, que mesmo nos períodos em que os portugueses e espanhóis faziam o reconhecimento das terras, já havia uma ideia de superioridade perante os povos indígenas que estiveram em seu caminho, como é possível notar na citação de Frei Gaspar de Carvajal, que fez parte da expedição de Gonçalo Pizarro por volta de 1540: Todo esse mundo novo é habitado por *bárbaros* em províncias e nações distintas (...) (SOUZA, 1994, p. 44).

O termo bárbaro significa que não tem leis nem civilização, contrário às regras ou ao uso, ou seja, o fato de a civilização indígena diferir cultura e socialmente da civilização europeia, classifica-os, automaticamente como um povo selvagem e sem raciocínio que

necessita ser dominado e persuadido como evidência a carta de Pero Vaz de Caminha enviada ao rei D. Manuel I:

E segundo o que a mim e a todos pareceu, esta gente, não lhes falece outra coisa para ser toda cristã, do que entenderem-nos, por que assim tomavam aquilo que nos viam fazer como nós mesmos; por onde pareceu a todos que nenhuma idolatria e nem adoração têm. E bem creio que, se Vossa alteza aqui mandar entre eles mais devagar ande, que todos serão **tornados** e **convertidos** ao desejo de Vossa Alteza. (CAMINHA, 1500 apud SCHILLING, 2015, p. 1. Disponível em: www.educaterterra.terra.com.br)

O discurso utilizado por Pero Vaz diz não existir traços de comportamentos e pensamentos que caracterizem civilidade nos índios, taxando-os como imitadores e que, sendo assim, seria fácil convertê-los aos costumes e valores europeus. A história, hoje, nos mostra que os povos indígenas viviam em sociedades complexas, levando em consideração a área de pouco recursos em que habitavam, e que se separavam em grupos de caçadora e coletores, fabricantes de cerâmicas e agricultores que utilizavam-se, até mesmo, do sistema de troca como forma de comércio, porém, tudo pareceu ser esquecido e desaparecer ao ser subjugado e substituído por ideologias de uma sociedade ocidental.

O inconsciente laciano presente no discurso de desvalorização

A teoria laciana sobre o inconsciente retoma os estudos de Freud sobre Psicanálise juntamente com o uso da linguagem, na qual se propõe a evidenciar que o funcionamento desse inconsciente se manifesta “na cadeia significativa de algo que se revela a despeito do suposto “querer dizer” de quem enuncia” (OLIVEIRA, 2013, p. 104). Freud e Lacan, na verdade, se referem aos *lapsos* e *chistes* que, por sua vez, se referem a atos falhos da linguagem que se dão no momento da fala revelando um “dizer outro” que “ficou recalçado no processo de constituição do sujeito do inconsciente” (OLIVEIRA, 2013, p. 115), ou seja, tomando a fala do professor Luiz Carlos Martins (2015): “o inconsciente está sempre pulsando, podendo se revelar em qualquer momento do ato falho”.

Mas como essa noção do inconsciente irá se inserir num discurso preconceituoso referente à região norte? Primeiramente é necessário esclarecer o papel da linguagem e, conseqüentemente, do discurso nesse tipo de manifestação, sendo assim, podemos considerá-los como “base que sustenta os tantos fatores que estruturam essa desigualdade, já que é pela produção simbólica que se materializará- e fará sentido- o favorecimento de uns em detrimento do outro” (LEANDRO, F.I.E.M.C; MARTINS DE SOUZA, Luiz Carlos, 2005, p.

1). Foi, principalmente, por meio da linguagem que se difundiu a ideia do índio como incapaz e incivilizado, exemplificados nas falas de Pero Vaz e Carvajal, e foi também por meio dela que se persuadiu e se firmou a primazia cultural europeia, que ainda é supervalorizada pelo povo brasileiro, atualmente.

Levando em consideração a linguagem como meio de propagação e confirmação de ideais e valores, tomemos como exemplo a imagem que o índio ou caboclo têm atualmente no Brasil. Ainda não se vê o índio ou a cultura indígena como parte integrante desse país, vemos a população que compõe a região norte sendo recalçada pelos vários tipos de meios de comunicação, principalmente o midiático, falta interesse e vê-se muito pouco, o índio não participa de histórias, comerciais ou telenovelas, nem mesmo as pessoas que povoam a região amazônica voltam-se para os valores indígenas que conseguiram resistir à colonização, a beleza está nos estádio de futebol, que foi considerado mais belo da Copa, o orgulho é a grande produção tecnológica realizada na Zona Franca, discursos utilizados inclusive por aqueles que tentam se defender do preconceito de outras regiões do país.

O que não se percebe é que, segundo a Análise do Discurso e os conceitos lacanianos, no momento em que se dão esses discursos, dá-se também o discurso do inconsciente ou discurso do Outro “que circula e que antecede a constituição do sujeito” (OLIVEIRA, 2013, p. 117). Têm-se o inconsciente como “manifestação de um saber desconhecido, um estranho-familiar ao sujeito” (OLIVEIRA, 2013, p. 116); o Outro, nesse caso, seriam os colonizadores e suas ideologias ocidentais que se firmaram no inconsciente da população brasileira. A maneira mais interessante de se notar a presença desse Outro é no discurso daqueles que se defendem, argumentando e vangloriando pela obtenção e produção de produtos que foram criados pela cultura do ocidente, na qual, esse sujeito “está repetindo um discurso presente antes mesmo de ele existir” (LEANDRO, F.I.E.M.C; MARTINS DE SOUZA, Luiz Carlos, 2005, p. 5). Esse locutor nem sequer nota que seu discurso só está reafirmando o que, na verdade, ele está querendo refutar, ou seja, seu próprio argumento recalca, cala e subjuga sua própria cultura em detrimento de outra que se convém como a melhor.

Como frisado no início deste tópico, Lacan utilizou-se dos estudos de Freud para falar sobre os lapsos da linguagem e sustentar sua própria teoria sobre o inconsciente que ele dominou como o Outro que se faz presente nessas rupturas, porém, essa sua nova visão permitiu a elaboração de análises que não visam somente a questão da linguagem abrindo caminhos para que outros teóricos, como Pechêux, incorporem suas ideias que vão além da

linguagem e que transformam esse inconsciente em um depósito de ideologias, levando em consideração a posição do sujeito para a construção de sentidos de seus discurso.

Interdiscurso ou memória discursiva e intradiscurso de Pechêux

Michell Pechêux foi o fundador da Escola Francesa de Análise do Discurso, suas teorias foram direcionadas pelos estudos de Althusser e Ganguilhen e compreendem a ideia de que o discurso é “um efeito de sentido dentro da relação entre a linguagem e a ideologia” (OLIVEIRA, 2013, p. 209), o que significa que ele é “um objeto sócio-histórico em que o linguístico está pressuposto” (ORLANDI, 2005, p. 11), ou seja, o sentido e o sujeito do discurso não são arbitrários, mas dependente de fatores históricos que o determinam.

Os conceitos que nos interessam como instrumento de análise dos discursos de desvalorização regional são os de memória discursiva ou interdiscurso e intradiscurso, porém, como muitas teorias, seus conceitos são firmados em muitos outros estudos que se fazem necessários para sua compreensão. Pechêux indica três fases para a análise do discurso, a primeira fase postula sobre a influência do materialismo histórico que emprega o funcionamento e o sentido das formações discursivas que, por sua vez, exprimem questões de formações ideológicas, a segunda fase está pautada, justamente, nos conceitos de formações discursivas e formações ideológicas, na qual, a primeira tem a definição nos estudos de Foucault “como “um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram uma época dada, e para uma área social, econômica e geográfica ou linguísticas dada, as condições de exercício da função enunciativa” (FOUCAULT, 2009: 43-44 apud OLIVEIRA, 2013, p. 218) e a segunda nos estudos do próprio autor “como um “conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem individuais, nem universais e que se referem mais ou menos diretamente a posição de classes em conflito umas com as outras”(HAROCHE, HENRY, PECHÊUX, 1971: 102-103), que tem como parte constituinte de si mais formações ideológicas” (OLIVEIRA, 2013, p. 219) e, por fim, temos terceira fase que traz foco para o interdiscurso que Pechêux, também, vai chamar de memória discursiva que é tido como

um conjunto de dizeres já expressos que dão base a todo dizer e em que os sujeitos não estão conscientes dessa determinação externa e, assim, não são fontes de significados, mas resultados desses significados, efeitos produzidos pela ideologia, pelo inconsciente e pela materialidade (OLIVEIRA, 2013, p. 219 e 220)

Já o intradiscurso marca o plano da enunciação, o que se está dizendo, ato que leva o sujeito a se transformar em um produto ideológico.

Bem, seguindo os conceitos acima, pode-se dizer que, ao produzir um discurso que exprime algum tipo de preconceito contra a região amazônica, seja recalçando ou difamando, o sujeito estará se identificando como parte um conjunto social que tem uma formação ideológica e que, por sua vez, produz formações discursivas, que influenciam diretamente na produção do interdiscurso e intradiscurso.

“Os sujeitos estão ligados a um saber discursivo que não pode ser apreendido, mas que deixa transparecer seus efeitos por meio do inconsciente e das ideologias que envolvem os sujeitos” (OLIVEIRA, 2013, p. 219), então, faz-se correto afirmar que mesmo que se produza, intencionalmente, discursos preconceituosos referentes à cultura indígena, na verdade, também, estamos sobre a influência inconscientes de formações discursivas e ideológicas que são produtos de uma materialidade histórica, de acordo com o professor Luiz Carlos Martins “Faz parte do nosso imaginário percebermos os indígenas, caboclos e ribeirinhos como pessoas ignorantes, analfabetas, sem capacidade para decidir, formular conceitos, definir posicionamentos e se constituir como sujeitos tão complexos quanto qualquer sujeito imerso diariamente na realidade urbana” (LEANDRO, F.I.E.M.C; MARTINS DE SOUZA, Luiz Carlos, 2005, p. 1) que, igualmente, irá explicar a visão distorcida daqueles que produzem o mesmo discurso preconceituoso como defesa de uma cultura que, originalmente, não surgiu no Amazonas ou no Brasil.

Conclusões

Vimos a partir das teorias de Pechêux e Lacan conceitos que se aplicam perante a produção e análise de discursos que desvalorizam a cultura e etnia indígena que compõem os traços da maior parte da população que se localiza na região Norte do Brasil. Em ambos os preceitos vemos como a formação desses tipos discursos não são autônomas e dependentes somente das intenções do sujeito enunciador, conceito de interdiscurso e intradiscurso determinados por Michell Pechêux, mas que contém ideologias e discursos de Outros, o inconsciente estudado por Lacan, que os antecederam e que formaram a materialidade histórica que os compõem. A análise do discurso se faz importante para se possa entender as origens e as motivações que nos fazem produzir esses discursos que apagam e oprimem de forma violenta a identidade de um povo que foi de extrema importância para a formação desse país e explica um pouco do porquê temos uma certa tendência a idolatrar culturas

estrangeiras, tornando-as, também, como parte de nossa identidade nacional. Evidenciar esses processos discursivos é garantir que se passe a perceber a vida de maneira mais crítica da realidade e nos permite abrir o olhar para que nos enxerguemos como produtos dependentes de uma cultura estrangeira, a fim de que abram portas para um futuro de aceitação que nos foi recalçado.

Referências

CAMINHA, Pero Vaz de. Carta de Pero Vaz de Caminha. 1500 In: SCHILLING, Voltaire. Disponível em: www.educaterterra.com.br. Acesso: 11/08/2015;

LEANDRO, F.I.E.M.C; MARTINS DE SOUZA, Luiz Carlos. O norte apagado: formas de materialização do apagamento do indígena e do caboclo. CD-ROM II SEAD, v.2. p.discu, 2005.

OLIVEIRA, L.A. Estudos dos discursos: perspectivas teóricas. São Paulo: Parábola, 2013.

ORLANDI, E.D. Estudos da Língua (gem): Michell Pechêux e a Análise do discurso. Vitória da conquista n.1 p. 9-13/ junho, 2005.

SOUZA, M. Breve história da Amazônia. São Paulo: Marco Zero, 1994.

Sites

<http://www.cpelin.org/estudosdalinguagem/n1jun2005/artigos/orlandi.pdf>, visitado em 04 de fevereiro de 2015, às 23h.

www.dicio.com.br, visitado em 03 de fevereiro de 2015, às 20h 50min.

www.educaterterra.com.br , visitado em 03 de fevereiro de 2015, às 20h25min.

www.suapesquisa.com/historiadobrasil/descobrimento_resumo.htm , visitado em 03 de fevereiro de 2015, às 18h30min.